

CONTAR HISTÓRIAS: COMUNICAÇÃO E TROCA DE SABERES PELO ARTESANATO DA PALAVRA ORALIZADA

TELLING STORIES: COMMUNICATION AND EXCHANGE OF KNOWLEDGE THROUGH THE POETIC PROCESS OF THE SPOKEN WORD

Ana Selma Barbosa Cunha 1
Paulo Nunes 2
Vânia Torres Costa 3

Resumo: O objetivo deste artigo é refletir sobre a experiência de narrar histórias em sala de aula, analisando este ofício pelo viés da Comunicação, compreendida como troca vital para a relação entre pessoas e da interação simbólica, a partir dos estudos do sociólogo Herbert Blumer, que atravessam o fazer do narrador e lhe dão base para sua existência. Toda comunicação, para que assim seja, tem em si uma intencionalidade e o contador de histórias, como um comunicador competente e, por essência que é, tem clara intenção ao narrar uma história aos ouvintes. Para alcançar o objetivo, são utilizados elementos que tecem com os interlocutores uma rede de símbolos imagéticos e afetivos que fazem do narrar uma forma exemplar de comunicação, em diálogos e apropriações resignificados no momento presente. Este estudo tomou como ponto de partida memórias e impressões de uma narradora oral, uma das autoras deste trabalho, construídas a partir da interação com os alunos/ouvintes das escolas nas quais já atuou como professora-contadora de histórias.

Palavras-chave: Narração oral. Comunicação. Interação simbólica.

Abstract: The aim of this article is to reflect on the experience of narrating stories in the classroom, analyzing this craft through the communication bias, understood as a vital exchange for the relationship between people, and the symbolic interaction from the studies of the sociologist Herbert Blumer, who go through the narrator's making and give them the basis for their existence. Every communication, for that to be so, has in itself an intentionality and the storyteller, as a competent communicator in their essence, has clear their intention when narrating a story to the listeners. To achieve the objective, they use elements that weave with their interlocutors a network of imagery and affective symbols that make narrating an exemplary form of communication, in dialogues and appropriations re-meant in the present moment. This study took as a starting point memories and impressions of an oral narrator, one of the authors of this work, constructed from the interaction with the students/listeners of the schools in which she has already acted as a teacher-storyteller.

Keywords: Oral narration. Communication. Symbolic interaction.

Mestre e doutoranda em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC - Unama). Docente/ Seduc/Pa. Lattes: <http://cnpq.br/7222171285638888>. Orcid: <https://orcid.org.br/0000-0002-4831-5189>. E-mail: anaselmacunha@gmail.com | 1

Doutor em Letras (PPGL-PUC-MG). Docente da graduação em Letras e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (Unama). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4987306548638650>. Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-7238-702X>. E-mail: pontedogalo3@gmail.com | 2

Doutora em Comunicação (UFF), Docente da Faculdade de Comunicação (FACOM) e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCOM/UFPA). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7517564393392394>. Orcid: <https://orcid.org.br/0000-0002-0493-8763>. E-mail: vaniatorres@ufpa.br | 3

Introdução

Alguém já afirmou que a literatura, não só a da letra, mas a da voz, cura. Várias experiências e relatos dão conta disso. A *psicanálise dos contos de fadas*, de Bruno Bethelheim (1978), talvez o mais conhecido dos exemplos, é comprovação metodológico-psicanalítica que se perpetua entre leitores desde os fins do século passado, quando o livro foi lançado. No campo da vivência ficcional, esse poder do ‘verbo curativo’ pode ser identificado na persoangem Shererazade que, ao contar histórias, noite a noite, curou o sultão de um trauma tão injusto quanto misógino. Em outras palavras, narrar, contar histórias (aqui os tomaremos como atos sinônimos), como ocorre desde os primórdios da humanidade, *fiat lux!*, pode revigorar a existência. Desatinos surgidos, momentos de aflição, amargura ou frustração tendem a despertar desejos de interação com as pessoas por meio das narrativas e impulsionar aconchego e afago, o que pode ser resumido no ato de contar histórias.

A ação engendrada por contadoras e contadores de histórias provoca ‘poéticas em *re*’: revisitar lugares, criar e *recriar* imagens, *reavivar* memórias, *reencontrar* cores, cheiros e toques, enfim, *ressignificar* sentimentos e sensações a serem mobilizados para efetivar o ato ancestral de contar/narrar. Bia Bedran (2012), que fala com ‘vocivivência’ experimentada, afirma algo que reitera nossos laços com a ancestralidade num mundo pré-moderno:

Desde que o mundo é mundo, o homem sempre esteve do lado de suas narrativas, ao redor do fogo, por meio da escrita rupestre, entremeada de sons guturais até a elaboração da linguagem. Contando a sua própria história e a do mundo. O homem vem se utilizando da narrativa como um recurso vital e fundamental. Sem ela a sociabilidade e a consciência de quem somos não seria possível (BEDRAN, 2012, p. 25).

Segundo insinua a arte-educadora e *performer*, uma das mais importantes referências dessa área, o crescimento humano se confunde com o aprimoramento de nossa capacidade em desenvolver a linguagem pictórica e/ou oral. Nosso desenvolvimento humano se confunde com o próprio ato de narrar que se caracteriza, também, como o ‘narrar-se’. A ação de contar histórias é, então, uma ‘meta-humano-narrativa’. Narrar é uma necessidade ancestral, antiga e tão humana quanto a de alimentar-se, respirar, enfim, viver.

Outro que serve de referência para nossas reflexões sobre a necessidade das narrativas é Walter Benjamin (1987) que, na Europa do contexto do entre guerras, trata das experiências repassadas (e/ou reprimidas) por meio das narrativas, momento em que o filósofo da Escola de Frankfurt mostra preocupação com a morte da narrativa tradicional em contexto da modernidade.

Que foi feito de tudo isso? Quem encontra ainda pessoas que saibam contar histórias como elas devem ser contadas? Que moribundos dizem hoje palavras tão duráveis que possam ser transmitidas como um anel, de geração a geração? Quem é ajudado, hoje, por um provérbio oportuno? Quem tentará, sequer, lidar com a juventude invocando sua experiência? (BENJAMIN, 1987, p.114).

Benjamin, marcado pela tradição do Judaísmo e, por conseguinte, das narrativas orais, aponta a chegada da modernidade como o momento em que a memória cultural das narrativas edificantes tende a “entrar em crise” e fazê-las desaparecerem. É claro que o autor não conheceu mais do que o rádio como meio de comunicação. O fato é que a modernidade substituiu aos poucos o ato coletivo do contar pelo solitário ato da leitura e a voz cede espaço para a letra, o que possibilitaria um outro sistema de intermediação das novas formas de narrar. Essas profundas modificações não inviabilizam o fato de que o narrador não deve abrir mão do instrumental de sentimentos, sensações e vivências para além da observação do mundo e das pessoas para, desse modo, levar a força e a ‘veracidade’ da narrativa para seus ouvintes. Narrar

histórias é, ainda, segundo Benjamin, a forma mais artesanal de comunicação, visto tratar do corpo do enunciador como potente mídia.

Nessa “artesanal” forma de contar, narrador e ouvinte interagem, dialogam, intercam-biam experiências, baseados em intensas trocas. O narrador traz em sua narrativa a intenção de “enlaçar” seu ouvinte, de entreter e ensinar algo e, para isso, molda palavra, corpo e voz, tal qual um artesão faz com o barro. Jeanne-Marie Gagnebin (1985), em ‘Narrar e curar’, texto publicado na Folha de São Paulo, ao tratar do poder de cura pela palavra, em Walter Benjamin, acrescenta:

A criança doente de Benjamin não é curada apenas pelas palavras da mãe. A história que ela própria conta - o sofrimento narrado - já inicia o processo de cura. A criança está doente. A mãe a põe na cama e senta-se a seu lado. E depois começa a contar histórias. Como se deve entender isto? Eu o pressenti quando N. me falou de estranha força curativa que repousava nas mãos de sua mulher. Mas, destas mãos, ele disse: ‘Seus movimentos eram altamente expressivos. Não entanto, não teria sido possível descrever sua expressão... Era como se contassem uma história’ (GAGNEBIN, 1985, p. 430).

Segundo afirma Benjamin (1987), citado por Gagnebin (1985), a criança-ouvinte não é um receptor inerte; ela interage com o narrador, no caso, a mãe, que profere a ‘sentença’ de cura. A criança é tocada pelas mãos e pela palavra que, em forma de narrativa, faz o corpo do infante responder, cor-responder à contadora e, ao final da narrativa, ambos se veem mais ricos pela proximidade afetiva do ato de narrar, contar/ouvir/dialogar. Comunicar, assim, se faz pela confluência de “movimentos altamente expressivos”. Diante da cena benjaminina, a superação da enfermidade ocorreu como se “contassem uma história!” à criança doente que interagiu naquele contexto, sem o saber, e curava-se.

Ante ao exposto, este artigo percorre uma trilha talvez incomum, pois busca o caminho da comunicação e da interação ou interacionismo simbólico, que procura compreender o saber e o fazer do narrador oral em contexto de troca de saberes ou experiências comunicativas.

Comunicar faz parte da natureza humana, por isso o interacionismo simbólico realça a interação social que se dá mediada pelos símbolos e pela capacidade de representação da linguagem do ser humano. Nas sociedades contemporâneas, com a transformação dos meios de comunicação e suas diversas mídias, a interação entre os indivíduos e destes com seus grupos ocorre das mais diversas formas através meios de comunicação. Este artigo, no entanto, trata da busca do entendimento da comunicação e interação social que ocorre de forma direta entre narrador e ouvinte por meio do ato de contar histórias. O objetivo é o de refletir sobre a experiência de narrar em sala de aula, de forma a analisar esse ofício pelo viés da comunicação, compreendida como troca vital para a relação entre pessoas e da interação simbólica. Isso será realizado a partir dos estudos do sociólogo Herbert Blumer, pesquisador de grupos sociais sobre o interacionismo simbólico que atravessa o fazer do narrador e lhe dá base para a existência.

Sobre a comunicação e a interação

Compreendendo-se aqui a comunicação e a interação como fazeres do narrador oral, é necessário entender os saberes que foram elaborados tão logo surgiram os primeiros grupos humanos e que dão sustentação à ação de narrar. Em que momento o homem começou a se comunicar? Os estudos indicam caminhos e possibilidades. Bordenave (1985, p. 23-24) afirma que:

A comunicação humana tem um começo bastante nebuloso. Realmente não sabemos como foi que os homens primitivos começaram a se comunicar entre si, se por gritos ou grunhidos como fazem os animais, ou se por gestos, ou ainda por combinações de gritos, grunhidos e gestos. Durante bastante tempo discutiu-se a origem da fala humana [...]. Qualquer

que seja o caso, o que a História mostra é que os homens encontraram a forma de associar um determinado som ou gesto a um certo objeto ou ação. Assim nasceram o signo, isto é, qualquer coisa que faz referência a outra coisa ou ideia, e a significação, que consiste no uso social dos signos. A atribuição de significados a determinados signos é precisamente a base para a comunicação em geral e para a linguagem em particular.

A partir do momento em que os primeiros homens conseguiram articular em seus corpos, elementos naturais como movimentação de braços e mãos, gritos, gestos, grunhidos, expressões faciais e fizeram os outros compreenderem que se relacionavam a um animal, planta ou fenômeno natural, por exemplo, nascia a comunicação humana. Esta atendia às necessidades básicas de sobrevivência até que, muito tempo depois, o ser humano começasse, então, a usar a fala para se comunicar e a partir daí todo um sistema complexo, parte da comunicação social, passara a existir.

Dessa feita, algo não se modificou nesses milhares de anos na existência humana: a necessidade vital de comunicar-se. A palavra comunicação vem do latim “communicare”. De acordo com o dicionarista Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, comunicação é:

1. Ato ou efeito de comunicar (-se). 2. Processo de emissão, transmissão e recepção de mensagens por meio de métodos e/ou sistemas convencionados quer através da linguagem falada ou escrita, quer de outros sinais, signos ou símbolos quer de aparelhamento técnico especializado sonoro e/ou visual. [...] 4. A mensagem recebida por esses meios. [...] 6. A capacidade de trocar ou discutir idéias, de dialogar, com vista ao bom entendimento entre pessoas. (FERREIRA, 1988, p. 79)

E, segundo Francisco Rüdiger (2011, p. 16), o termo comunicação está:

Reservado à interação humana à troca de mensagens entre seres humanos, sejam quais forem os aparatos responsáveis por sua mediação. A comunicação representa um processo social primário, com relação ao qual os chamados meios de comunicação de massa são simplesmente a mediação tecnológica: em suas extremidades estão sempre pessoas, o mundo da vida em sociedade.

Os processos de comunicação humana se transformaram de forma significativa no momento em que foram criados os mais diversos aparatos tecnológicos para trocar experiências e comunicar-se. Mas não definem, por si só, os modos de agir interativos, as intencionalidades e os interesses a serem comunicadas a outrem. Como afirma Rüdiger (2011, p. 16):

As sociedades humanas não definem seus padrões de interação em função das tecnologias de informação de que dispõem, mas pelos princípios de interação que lhes são peculiares. Isto é, pelos dispositivos simbólicos ou sistêmicos acionados para engendrar, validar e reproduzir os conhecimentos técnicos, mandatos morais e valores motivacionais da ação social.

A comunicação, como produção simbólica, se faz por meio de apropriações de dispositivos tecnológicos que ofertam e possibilitam novos modos de interação, construídos e constituídos a partir das peculiaridades e necessidades de cada sociedade e dos sujeitos interlocutores. Rüdiger (2011, p. 16-7) chama a atenção para os problemas na comunicação, tais como:

A competência comunicativa, a faculdade de compreender, transmitir e receber mensagens, interagir simbolicamente com os demais, constitui uma competência apreendida de

maneira espontânea. O problema técnico consiste em saber como se pode criar os meios de desenvolvê-la e, o político, em manejar as condições capazes de favorecer ou controlar esse processo. O problema filosófico é logicamente anterior, constituindo em saber como essa competência se materializa nos processos comunicativos.

Superar esses problemas no campo comunicacional é de grande relevância e torna-se um desafio permanente no cotidiano das sociedades para que assim seja mantida a base da interação social e simbólica, que ocorrem por meio de processos compreensivos do que foi comunicado entre os indivíduos. As possibilidades técnicas e instrumentais de aproximação dos sujeitos, seja por meio da televisão, do rádio ou da internet avançam velozmente em direção a diálogos virtuais e distantes, em tempos e espaços ilimitados e inovadores.

A comunicação presencial e direta, do “aqui e agora”, nunca deixou de existir, mas vem sendo atravessada por possibilidades tecnológicas que nos transportam a cada minuto, entre o virtual e o local, sem que, muitas vezes, prestemos atenção a esses deslocamentos que acontecem de forma tênue e rápida.

Apesar dos mais diversos meios de comunicação criados e utilizados na atualidade, que têm grande e vital importância para as sociedades humanas, a comunicação interpessoal e a dos mais variados grupos (escola, trabalho, esporte, lazer, etc.) tem sido cada vez mais valorizada.

A interação é a base da comunicação, pois, devido à necessidade de trocar experiências e compartilhá-las com nossos pares, o ser humano produz sentidos sobre a existência e acontecimentos vividos. A linguagem em ação permite o “estar com” os outros e cria redes de relações as quais resultam em vínculos de afeto, de descobertas, de construções coletivas e de conflitos também. A interação é uma condição vital para o desenvolvimento das sociedades que estabelecem processos de compreensão de suas existências, dentre as quais podemos realçar a cura por meio das narrativas.

O sociólogo Herbert Blumer (1980), estudioso dos grupos sociais, como já dissemos, influenciado pelos conceitos básicos da teoria da Psicologia Social, elaborados pelo filósofo e cientista social Georg Hebert Mead (1863-1931), chamou de interacionismo simbólico a grande variedade de interações sociais e coletividades diversas, relevantes no decurso da vida de um indivíduo e, conseqüentemente, dos grupos sociais. Blumer (1980, p. 119) se baseou em três premissas:

A primeira estabelece que os seres humanos agem em relação ao mundo, fundamentando-se nos significados que este lhes fornece [...]. A segunda premissa consiste no fato de os significados de tais elementos serem provenientes ou provocados pela interação social que se mantém com as demais pessoas. A terceira premissa reza que tais significados são manipulados por um processo interpretativo (e por este modificado) utilizado pela pessoa ao se relacionar com os elementos com que entra em contato.

Para Blumer, os significados produzidos pelo mundo geram estímulos para que os seres humanos interpretem e atribuam valor aos elementos, ressignificando-os constante e dialeticamente no processo de interação humana. A partir das variadas possibilidades de relações é possível tecer a grande teia de intersubjetividades. Assim, cada indivíduo ou grupo constitui constantes significados e indícios, análises de si e interpretações do outro na vida cotidiana.

Observamos nos indivíduos a necessidade de representar a si ou a seu grupo e, desse modo, criar um sistema complexo de linguagem que tem como objetivo a experiência da comunicação humana, a partir do papel desempenhado por cada pessoa nas mais diversas situações na sociedade, em universos de interesses variados e de significados possíveis. O ato de contar histórias exemplifica esse complexo sistema de linguagem e interação humana.

O narrador: artesão da palavra

A narração, pela palavra oralizada, surgiu nos primórdios da necessidade de se comunicar, manifestar sobre os perigos, a caça, os lugares, a natureza, enfim, socializar descobertas. Dizer, contar, narrar: comunicar – necessidades humanas essenciais para a continuidade da espécie e garante a sobrevivência do grupo social.

Tal qual ocorreu com a humanidade, a narrativa, expressão humana, modificou-se com o passar dos séculos; houve, então, a necessidade de dar forma a diferentes modos de dizer. Assim, o ser humano criou uma narrativa que não era apenas informação, mas ‘forma artesanal’ de comunicar-se, conforme elucida Benjamin (1987, p. 205):

A narrativa, [...] é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele.

O narrador lapida a narrativa para imprimir nela seus sentimentos e vivências e, quando é socializada, o ouvinte é provocado a interagir e experimentar, por meio da ação das personagens que compõem a trama do enredo. Assim, o contador de histórias, sem intermediários, constrói uma forma de interação direta com seu ouvinte, um jogo de corpo a corpo, cara a cara, no qual a comunicação é adornada e trabalhada, em conformidade com cada contexto específico. E, como defende Benjamin (1987), imprime-se na narrativa a marca do narrador, tal qual a mão do oleiro na argila do vaso. Ou como a mãe que massageia o corpo doente da criança, ao mesmo tempo em que o cativa pela modulação da voz. E assim, dizendo, contando, enfim, narrando, o ser humano foi tecendo uma rede de afetos, atraindo para o entorno seus pares de forma a fazer do ato de narrar uma fonte primordial de diálogo.

As narrativas orais foram, durante muito tempo, responsáveis pela disseminação do conhecimento dos saberes populares e do modo de vida das comunidades tradicionais, atravessadas por mitos e explicações fantásticas para o que os olhos não davam conta de ver, nem os ouvidos não conseguiam ouvir, enfim, pelo que estava para além do real vivido. Como atividade oral, as histórias eram narradas de viva voz pelo contador, figura muito respeitada por saber observar os fenômenos naturais e expressá-los graças ao domínio da palavra. Nos povos de expressiva tradição oral, como os africanos e ameríndios, o narrador é considerado figura central, pois se constitui como o guardião da memória dos grupos étnicos. Para se ter ideia mais precisa, nessas comunidades de tradição ancestral, a morte de um contador de histórias é sentida como perda de um grande tesouro.

Com a criação da escrita, as narrativas orais passaram da voz à letra, ressaltando a diferença entre as histórias acontecidas, consideradas registros dos feitos dos povos, e a História considerada como oficial. Nessa distinção, questionável, firmou-se a Literatura como registro de coisas ficcionalizadas, frutos da imaginação, que vinham dos contos populares.

Entretanto, o século XX foi marcado pelo surgimento e disseminação da comunicação audiovisual. Surgiram o cinema, a televisão e o computador que estimularam o contador de histórias a refazer seu ofício. Doravante sua prática não é mais a do narrador tradicional, que aprendeu a narrar com outros contadores os quais traziam sabiam as histórias de cor e as repassavam às demais gerações ao redor da fogueira ou na cozinha, em noites frias, próximo ao fogão a lenha ou nos momentos de trabalho onde se lavravam a terra e a palavra.

O contador, sobretudo o contemporâneo, tem várias fontes para o seu fazer: livros encontrados em bibliotecas públicas, particulares ou em acervos pessoais. Além da sua percepção de mundo, das pessoas, da natureza, de sentimentos; as suas imagens internas, que acendem as luzes para a criação artística por meio da palavra. Assim, no fim da década de 1960, o contador de histórias reaparece e a narrativa oral emerge por meio dos novos contadores de histórias, na França e em diversos países da Europa e da América do Norte (PATRINI, 2005, p. 34).

O contador retomou a importância do ato de contar e ouvir histórias e passou a levar as narrativas para os mais diversos espaços da cidade: parques, praças, ruas, hospitais, ônibus, restaurantes etc. Ninguém mandou, não é uma moda importada; parece um sentimento de urgência que faz renascer das cinzas uma ética adormecida, uma solidariedade não mais do que básica, num mundo de cabeça para baixo (MACHADO, 2004, p. 14-5).

O narrador contemporâneo ressurgiu, por meio da palavra, como um integrador de mundos. É aquele que reconta as narrativas que foi buscar em livros, na sua experiência ou na vivência de outrem e imprimiu nelas características particulares.

Sobre a experiência de contar histórias na sala de aula

Dos espaços privilegiados para o ato de contar histórias está a sala de aula. Essa ação, que é, em geral, uma prática extracurricular, tende a proporcionar vínculo para além do formal, pois reafirma a ideia de que a prática do narrar histórias em sala de aula não é uma mera ferramenta didática, mas um modo de referendar afetos e socializar experiências, reais ou simbólicas, como afirma a contadora de histórias, Gislayne Matos (2005, p. 7):

Há quem acredite que no mundo moderno não existia lugar para 'essa gente'. Afinal, do que falam? De príncipes e gênios do mal, de animais encantados e de heróis que passam por duras provas, para no final merecerem a princesa. Coisas como essas parecem distantes dos interesses deste nosso tempo – frenético, aceso a néon, barulhento e apressado. Mas porque são contadores de histórias, é que essa 'gente das maravilhas' sabe que o mundo vai e vem. Há épocas em que os ouvidos se fecham e os corações se endurecem para o que é mágico e poético, mas outras épocas chegam em que se abrem novamente. Esse é o tempo em que os homens se voltam para si mesmos e buscam respostas para o sentido da existência.

Paulatinamente, observamos o aumento do interesse dos alunos pelas narrativas e, assim, vem sendo valorizado o ouvir o outro, ter atenção, se deixar conduzir pelas histórias. É uma escuta criativa, pois o imaginário de cada um divaga e constrói seus próprios castelos, escolhe príncipes, princesas, vilões e heróis, amplia repertórios de imagens internas, recheando de possibilidades, mesmo que se viva num mundo cada vez mais frenético.

A interação entre a professora-contadora e alunos-ouvintes aperfeiçoa-se e fortalece-se por meio da palavra narrada. Como ressalta Bakhtin (2014, p. 115), a palavra é uma espécie de ponte a interligar interlocutores, ou seja:

Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor.

As narrativas orais são a ponte, como cita Bakhtin (2014), para que a palavra una falante e ouvinte, os interlocutores, mas isso não ocorre de forma mecânica. Não é uma via única; narrador e ouvinte dialogam, interagem durante o processo de narração. A comunicação é carregada de vida, de experiências, de afetos, de valores entre narrador e ouvinte, um circuito interativo que está longe da passividade. O ouvinte se torna coautor durante a narração que o estimula. Gestos, expressões, murmúrios, risos,

sustos; tudo são pistas deixadas e que promovem interação no processo. Ou seja, no momento da narrativa, há um fio invisível que une narrador e ouvintes, fios de afeto e sensibilidade.

A vasta literatura publicada sobre o tema, nos últimos trinta anos, evidencia que a arte da narrativa vem se fortalecendo na escola. E um *locus* fascinante, cenário fértil para a prática de interações significativas entre sujeitos e instituições situadas além do domínio escolar é a comunidade do entorno.

A escola é lugar de tecituras de culturas e de troca de saberes, conforme atesta Carlos Brandão (2002). O ato de narrar no espaço escolar tem, em si, um grande potencial de intercambiar saberes e revelar possibilidades de conhecimentos de si e do *outro*, principalmente, por meio da voz e da escuta.

Assim, de criança em criança, de turma em turma, de grupo em grupo, pode-se atestar o quanto o ancestral ato de contar histórias é necessário e contribui para a formação das crianças. A literatura cura, aponta Benjamin (1987). Com um histórico de vida conturbado, crianças são estimuladas a tecer novos desenhos; resignificar-se, reencontrar a capacidade de imaginar, de sonhar, enfim, de ser criança.

Entre os sujeitos que interagem, contar histórias estabelece vínculo para além do pedagógico e realça a consciência de que o ato narrar/contar histórias em sala de aula não se trata de mais uma ferramenta didática. O vínculo afetivo propiciado pelos fios narrativos é permeado de sentidos múltiplos, significados e ressignificações que vão para além do que é evidenciado por testes e relatórios. Sobre isso, Machado (2004, p. 28), pesquisadora de contos tradicionais e arte-educadora, afirma:

Do ponto de vista pedagógico, no trabalho com as crianças, acredito que o importante não é querer saber qual o efeito que os contos tradicionais exercem sobre cada criança, ou mesmo querer “produzir tal efeito” e sim entender que para cada uma delas aquela história traz a oportunidade de organizar suas imagens internas em uma forma que faz sentido para ela naquele momento.

Após a primeira história narrada, estabelece-se entrelaçamento sinérgico e afetivo entre a “professora-contadora de histórias” e os “alunos-ouvintes”, processo marcado por linguagem própria, permeada de símbolos, que são despertados pela força da palavra poética, geradora da reinvenção, que aperfeiçoa, inclusive, o processo de ensino e aprendizagem dos alunos. O fazer pedagógico torna-se revidado, conforme reitera Rosário (1989), quando passa a ser permeado pelas poéticas da oralidade: poemas, contos, cantigas, brincadeiras cantadas e tantas outras dinâmicas ocorrem de tal modo que vemos, nas práticas escolares das horas dos contos, revigorar e renascer afetos, além de re florir entusiasmo. Sobre o ato de contar histórias como meio pedagógico, Rosário (1989, p. 41) defende que:

A narrativa é um dos meios pedagógicos mais poderosos. O seu funcionamento como tal dá-se a dois níveis: por um lado, pelo facto de, através da narrativa, a memorização se

tornar mais fácil por causa da curiosidade e do prazer. Assim, aprendizagem e compreensão são rápidas e o ensinar torna-se fácil. Chamaremos a isto de função de nível explícito. Por outro lado, a narrativa não é um simples instrumento metodológico de transmissão de conhecimentos. Ela transporta dentro de si própria, através da exemplaridade, o próprio objecto de ensinamento que se quer transmitir. Chamaremos a isto, a função de nível implícito. Cada indivíduo que ouve a narrativa está apto a compreender que os conflitos apresentados na intriga podem perfeitamente ter lugar no próprio universo do grupo de que faz parte. Daí o carácter universal das narrativas de tradição oral porque são, ao mesmo tempo e em qualquer lugar, um grande ponto de interrogação sobre os problemas com que o indivíduo se defronta no dia a dia, na sua sociedade

O ato de narrar em sala de aula permite, portanto, a possibilidade de recuperação da autoestima em alunos que se sentem derrotados, esvaziados de saberes; que superam obstáculos e, assim, sentem-se capazes de tomar para si o próprio processo de aprendizado. É quando a voz poética, no espaço da escola, faz retomar caminhos, como fazem João e Maria, no famoso conto europeu; superação de um duro obstáculo. O aprendizado decorrente dessa façanha torna-se uma espécie de porto seguro, ponto de chegada de uma caminhada de aprendizados. Machado (2004, p. 28) ressalta que, quando a criança ouve uma história:

É como se ela pudesse passear pelo reino das possibilidades de significar, reinventando para si mesma a sua história naquele momento. E esse passeio pode ensinar sobre a aventura humana no domínio do imaginário. É como se ela pudesse se instrumentar para um tipo de experiência interna familiar, mas que não pode ser explicada pelos modos habitualmente conhecidos.

Portanto, embora possamos estar a “chover no molhado”, contar histórias é educar poeticamente. Trata-se de um ato que possibilita comunicação sinestésica: olhar nos olhos, mover o corpo, modular a voz, enfim, momento de comunhão no qual o ouvinte é conduzido para além do enredo. Ele reelabora imagens internas enquanto oportuniza, assim, o fortalecimento de valores, sentimentos e qualidades que apelam para a sensibilidade.

As narrativas indicam possibilidades de sentir o mundo em todas as suas potencialidades: cores, luzes, sons, silêncios, cheiros, sabores e pulsações. Tudo passa acontecer por intermédio da palavra bem dita, narrada. Enfim, por meio da narrativa, o contador partilha suas vivências e convida o ouvinte a percorrer com ele o caminho das pedras, (re)conhecendo outros mundos e as mais variadas possibilidades. Cléo Bussato (2008, p. 38), ao falar sobre o conto de literatura oral, no contexto pedagógico, afirma que:

Ao trazermos para a sala de aula histórias de outros povos, não estaremos apenas contribuindo para que a diversidade cultural se torne um fato, mas também apresentando à criança a oportunidade de conhecer aquele povo através do olhar poético que ele lança para sua realidade. Perceber como ele se articula para produzir significados para a sua existência, qual valor que ele atribui às manifestações sociais, como ele se percebe e percebe os outros indivíduos na sua comunidade.

O ato de narrar histórias na sala de aula – é preciso que se insista nisso – não deve ser

reduzido a uma mera estratégia pedagógica, pois as narrativas orais contribuem para a formação psicológica, intelectual e de “religação” do ser humano. Ouvir histórias, sobretudo, nas séries iniciais, contribui sobremaneira para que a criança amplie sua capacidade de situar-se no mundo de modo singular, único.

Ouvir histórias é deleite, é prazer, ao mesmo tempo, sabor e saber, palavras que têm etimologicamente, a mesma raiz latina: *sapio*¹; também é conhecer o mundo, poeticamente, e aprender a lidar com seus fantasmas, enfim, amadurecer. No processo interativo da prática de contar histórias, a palavra torna-se também elo entre o “eu” e o “outro”, apontando para a construção do “nós”. Assim, no cotidiano da escola evidencia-se a interação de sujeitos que exercitam suas individualidades sem descuidar do coletivo. Não se trata de uma medida rigorosa de aprendizagem, mas algo que não pode inicialmente ser mensurado por meio de prova ou teste. Regina Machado (2004, p. 28), sobre a uma possível especulação entre causa e efeito do ato de narrar no espaço escolar, afirma que:

Do ponto de vista pedagógico, no trabalho com as crianças, acredito que é importante não querer saber qual o efeito que os contos tradicionais exercem sobre cada criança, ou mesmo querer “produzir tal efeito” e sim entender que para cada uma delas aquela história traz a oportunidade de organizar suas imagens internas em uma forma que faz sentido para ela naquele momento.

Ato que gera cumplicidade e tende a contribuir no processo de amadurecimento humano, afinal a prática de contar histórias, se tornada sistemática e reiterativa, propicia o aprimoramento dos sentidos e sentimentos humanos. Os processos interacionais que se materializam numa sessão de histórias possibilitam, entre estudantes e professores, uma prática estética pela liberdade que conecta sujeitos nos quais estimula a imaginação, revigora experiências nem sempre medidas através de verificação formal. Regina Machado (2004, p.28) ressalta que, quando a criança ouve uma história:

É como se ela pudesse passear pelo reino das possibilidades de significar, reinventando para si mesma a sua história naquele momento. E esse passeio pode ensinar sobre a aventura humana no domínio do imaginário. É como se ela pudesse se instrumentar para um tipo de experiência interna familiar, mas que não pode ser explicada pelos modos habitualmente conhecidos.

Assim como outras estratégias narrativas, o ato de contar histórias estimula a formação de vínculos, possibilita ligação intensa entre contador e ouvinte, valor estético, emotivo, humanista, enfim, uma prática reveladora que rememora os gestos ancestrais de um grupo reunir-se à volta da fogueira para compartilhar emoções e experiências.

(In)conclusão

Propusemo-nos aqui a refletir a respeito da experiência de narrar histórias, levando em conta o ofício do narrador no aspecto da comunicação. É possível compreender que o contador de histórias é, por meio daquilo que ele narra, uma espécie de artífice da comunicação. Como competente comunicador, o narrador propicia entretenimento e conhecimento a seus ouvintes a partir de uma linguagem lúdica e poeticamente trabalhada.

A palavra do narrador comunica um texto bordado de simbolismos que estimula o imaginário, enriquece no ouvinte o seu repertório de imagens internas. Assim, pode-se também inferir que o narrador tem como propósito a interação, mediada por símbolos, à base do interacionismo simbólico. Contar histórias, portanto, propicia diálogo simbólico no qual tanto nar-

1 Segundo o Dicionário Etimológico eletrônico: “a palavra saber advém do do latim vulgar *sapere*, ter sabor, ter bom paladar, sentir os cheiros, de onde migrou para designar o sábio, *sabidus* em latim, aquele que percebe o mundo de modo organizado, usando os sentidos, a intuição”. Disponível em: <https://www.dicionarioetimologico.com.br/saber/>. Acesso em: 10 set.de 2020.

rador quanto ouvintes dão pistas, sinais (olhares, sussurros, sorrisos, silêncios) de comunicação efetiva e afetiva entre eles. Assim, é possível afirmar que o ato de ouvir histórias contribui para acordar os sentidos e aprimorar a sensibilidade, pois as narrativas orais instrumentalizam os ouvintes com experiências de sentimentos e sensações que contribuirão decisivamente na formação humana.

Reiteramos que o ato de narrar histórias não pode ser reduzido à estratégia pedagógica mecânica e imediatista. As narrativas orais são ricas fontes de possibilidades a serem trabalhadas no fazer pedagógico da escola. O conhecimento construído a partir das narrativas, além de exemplar forma de comunicação e interação humana, permite deleite e prazer poéticos para o ensino e aprendizagem; para a vida. Fiat Lux!

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Trad. M. Lahud e Y. F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 2014.

BEDRAN, Bia. **A Arte de cantar e contar histórias**: narrativas orais e processos criativos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. Experiência e pobreza. In: **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad.: Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BETHELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Trad.: Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

BLUMER, Herbet. A natureza do interacionismo simbólico. In: MORTENSEN, C. David. **Teoria da comunicação**. São Paulo: Mosaico, 1980.

BLUMER, Herbert. A natureza do interacionismo simbólico. In: MORTENSEN, C. D. **Teoria da comunicação**: textos básicos. São Paulo: Mosaico, 1980.

BORDENAVE, Juan E. Díaz. **O que é comunicação**. São Paulo: Brasiliense; 1985. (Coleção Primeiros passos, 67).

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação como cultura**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2002.

BUSSATO, Cléo. **Pequenos segredos da narrativa**. Petrópolis: Vozes, 2008. **Dicionário Etimológico eletrônico**. Disponível em: <https://www.dicionarioetimologico.com.br/saber/>. Acesso em: 08 set. de 2020.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

GAGNEBIN, Jeanne-Marie. Narrar e curar. In: **Folha de S. Paulo**, Caderno Folhetim – São Paulo, 01/09/1985.

MACHADO, R. **Acordais**: fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias. São Paulo: DCL, 2004.

MATOS, Gislayne A. **A Palavra do contador de histórias**: sua dimensão educativa na contemporaneidade. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PATRINI, M. de L. **A renovação do conto**: a emergência de uma prática oral. São Paulo: Cortez, 2005.

ROSÁRIO, Lourenço Joaquim da Costa. **A Narrativa africana de expressão oral**: transcrita em português. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa; Luanda: Angolê, 1989.

RÜDIGER, Francisco. **As teorias da comunicação**. Porto Alegre: Penso, 2011.

Recebido em 23 de setembro de 2020.

Aceito em 28 de setembro de 2020.